

«NÃO HÁ NADA MAIS FORTE
NEM TÃO SEGURO NUMA
EMERGÊNCIA COMO A SIMPLES
VERDADE».

DICKENS

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 683

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANO XXVI

13/7/1978

Festival do "Dia da Força Aérea" em Faro

— Perícia e arrojo espectaculares foram as notas dominantes

Para assinalar a passagem do Dia da Força Aérea Portuguesa, decorreu no aeroporto de Faro, a 2 passado, um Festival Aeronáutico, que reuniu além das unidades de voo nacionais e tripulações respectivas o concurso das Forças Aéreas da Alemanha Federal, Americana, Francesa, Espanhola e Britânica, que conferiram ao acontecimento, num alarde de solidariedade para com as «casas» de Portugal, uma suplementar e extraordinária ênfase.

As espectaculares exhibições que congregaram a evolução de oitenta aviões e vinte helicópteros tiveram a duração de duas horas e meia sendo vibrantemente apreciadas por uma multidão de largos milhares de pessoas, fora as que, impedidas por um «monumental» engarrafamento, ficaram retidas pelo caminho de acesso ou procuraram outros pon-

tos para, de longe, acompanharem o desenrolar do empolgante desfile aéreo.

Foi, portanto, emoldurado por uma entusiástica e curiosa multidão de espectadores e pelo coruscante sol algarvio que o sensacional festival aeronáutico teve lugar.

Ao acontecimento estiveram presentes o Ministro da Defesa, o

Ministro dos Transportes, chefes dos Estados Maiores da Armada, da Força Aérea e Exército, além de outras personalidades de alta patente militar e civil e ainda adidos militares da Roménia, Espanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha e África do Sul.

Enquadrando-se ao significado da data houve o «baptismo de

(continua na pág. 2)

Cartas ao Director

VELHOS EMIGRANTES

Quem pensa em nós?

Esta é a pergunta que hoje faço aqueles que em cada dia falam dos emigrantes como elementos válidos à recuperação do nosso País.

Dos emigrantes que duante 20 ou 30 anos deram todo o seu esforço, a sua férrea vontade de vencer na vida e a sua saúde, em troca do sonho de um futuro tranquilo.

Nós, que contando moeda a moeda, quizemos assegurar uma velhice mais ou menos despreocupada no nosso país.

Todas as economias vinham para Portugal e as suas férias eram para trabalhar aqui, em al-

(continua na pág. 2)

Todos os dias úteis, incluindo os sábados, são as ruas desta vila percorridas pelos carros e brigadas de remoção de lixo, que na sua afanosa actividade recolhem, matinalmente, dos recipientes, os detritos neles contidos.

Posteriormente, passam outras brigadas constituídas por varredores que laboriosamente vão apanhando os lixos espalhados pelo chão.

Decorre, entretanto, entre os diversas brigadas tarefas um intervalo variável durante o qual é bem visível, em determinados locais e horas, a acumulação insólita de imundícies, que acusam os precários hábitos de higiene de certas pessoas que parecem ma-

nifestar pela via pública o mais desprezível descaso.

Tal aspecto nada recomendável, além de representar um foco de cheiros pestilenciais e de moscas, é também comprometedor para os habitantes desta vila, especialmente na época do ano que decorre, quando os forasteiros nos visitam e «batem à porta».

Decerto que todo o bom bairrista, que se orgulha e se compraz com os atributos da sua terra, estima que todo o visitante leve dela uma grata e indelével recordação. Por tal motivo ser-lhe-á penoso constatar que da parte de alguns conterrâneos, mais desleixados, as ruas, por onde todos passam, sofrem a sua

QUEIXAS E CLAMORES PÚBLICOS QUE NOS APRESENTAM

Ao nosso jornal chegam-nos com frequência queixas e reclamações de variado conteúdo cujas soluções — é bem de ver — es-

tão longe do nosso raio de acção.

Estão com efeito, repetimos, fora do nosso raio de acção, pois transcendem a natureza da jurisdição que nos cabe, mas não tão longe que não possamos, na esfera informativa e opinativa em que nos integramos, dar-lhes o eco que merecem.

Assim, destacamos alguns assuntos que nos foram postos.

TELEFONEMAS

Registam-se ao que nos afirmam brincadeiras de mau gosto, por parte ao que se suspeita de certa juventude ociosa que faz do telefone o mensageiro de ameaças e intimidação, procurando assustar desprevenidas pessoas, que confiadamente atendem no outro lado do fio telefónico.

Algumas vezes essas chamadas veiculam impropérios, e deixam transparecer o baixo estofamento cívico e educacional desses energúmenos.

Este clamor sugere-nos uma campanha a desenvolver no sentido de assegurar os serviços de guardas-nocturnos em moldes

(continua na pág. 2)

A minha resposta ao sr. Eng.º Alberto Quadros

A propósito da água de Vale Judeu

Depois de ler atentamente a carta de V. Ex.ª em resposta à exposição que dirigi ao M. A. P., com data de 23-3-78, senti necessidade de divulgar, através de «A Voz de Loulé», o paradoxo duma situação que estava fora da minha compreensão, pois conti-

nua a não perceber a razão porque oferecem tantas facilidades para fazer barragens (que afinal não vejo feitas) e se nega auxílio para furos onde eles são possíveis e aconselháveis.

Na minha exposição eu alertava os serviços oficiais para a anarquia de furos que se vêm processando e lamentava que o Estado não auxiliasse o aumento da produção local daquilo que, afinal, temos que importar com divisas que não temos.

Não se ajuda a lavoura naquilo que é essencial e os agricultores não conseguem resolver graves problemas resultantes da escassez de água, mesmo onde ela abunda, como é o caso de Vale Judeu.

Levantei um problema que considero fundamental e de interesse geral para a lavoura local e afinal parece que as entidades responsáveis não gostaram porque preferiam ver o assunto tratado em

(continua na página 3)

Parece-nos simples de resolver

as ocasionais faltas de água
em Loulé

Há problemas bicudos de solução difícil, que devido à sua complexidade muito requerem da sagacidade dos técnicos e do erário público, além dos dotes realizadores dos respectivos promotores e de um ror sempre estimável de tempo, para serem por completo superados.

Outros, que pouca coisa precisam, como por exemplo uma simples formalidade dependente das esferas responsáveis, que entre si convencionam uma forma de atacar frontalmente o problema e liquidá-lo numa «penada».

Temos para nós que este é o caso das acidentais mas imperitinentes faltas de água em Loulé, que mesmo de carácter esporádico sempre perturbam e afligem as populações.

Ainda bem recentemente, nos dias 30 de Junho e 1 de Julho transactos se verificou que du-

rante horas as torneiras não vertiam uma gota do precioso líquido. Simultaneamente deixou de haver corrente eléctrica nas instalações domésticas...

A concidência aparente foi bem

(continua na página 3)

REEDIÇÃO

de «As Mouras Encantadas
e os Encantamentos
do Algarve»
do Dr. Ataíde Oliveira

(PÁGINA 3)

ÀS CÂMARAS MUNICIPAIS

VÃO SER DISTRIBUÍDOS
1,25 MILHÕES DE CONTOS

Pela aplicação dos critérios de distribuição, propostos em Nov/77, o Ministério da Administração Interna vai pagar 50% das verbas que cabem às câmaras municipais.

A decisão vem consignada em decreto-lei, recentemente promulgado, e objectiva minorar o atraso provocado pela aprovação do plano de distribuição pelas autar-

quias locais das transferências para solvência das despesas correntes e dos subsídios para despesas de capital.

Como se pode depreender esta disposição veio aplacar as graves perturbações económicas de muitos municípios, que devido a exaustão de verbas viram-se compelidos a sustentar provisoriamente alguns dos seus serviços.

BUFANDO
DÁ 20%

Crónica de Luís Pereira

(PÁGINA 4)

FESTIVAL DO «DIA DA FORÇA AÉREA» EM FARO

(continuação da pág. 1)
voo» concedido por um «C-130» da TAP, deslocado propositadamente para o efeito.

O festival, propriamente dito, teve começo às 14.30 com os exercícios acrobáticos de um «F-86», tripulado pelo capitão Roda, logo seguido pela evolução consumada de dois «Phantom Fh» da República Federal Alemã.

Fazendo alarde do seu tecnicismo, o tenente Lorenti descreveu, no seu helicóptero com extrema precisão, à volta de um soldado imóvel algumas secantes acabando por içá-lo para bordo.

Em demonstrações de capacidade impressionante de aceleração e redução de velocidade, evoluiu depois um «F-15» da Força Aérea Americana.

Por seu turno surgiu um Avio-car «C-212», que deu mostras da sua maleabilidade operacional.

Dois «Mirage» da Força Aérea Francesa irromperam com demonstrações de requintada destreza, saindo, logo após, seis «Fiats G-90», comandados pelo tenente-coronel Moraes e Silva que executaram diversas acrobacias, de arriscada traça.

A Força Aérea Espanhola, fez-se representar por uma formação de «T-33» (Bird) que também executou voos acrobáticos.

Veio depois um «F-111», com asas em delta e um «OV-10» (Bronco) de aspecto excêntrico.

Embora não constasse do programa fez a sua aparição um «Bucaneer» da Força Aérea Britânica (RAF).

Teve então lugar a largada de paraquedistas lançados por três «C-130», que constituíram vistoso espectáculo, igualmente muito apreciado.

O desfile prosseguiu com quatro «AL-111», largando fumo e desenhando volutas, sete formações da TAP, as patrulhas dos «Dragões» e «S. Jorge», também

com exercícios de extrema destreza, cabendo aos seis «Cessna T-37C», das «Asas de Portugal» o encerramento, com chave de ouro do deslumbrante festival.

Cabe assinalar que a patrulha acrobática que a constitui é «um meio de divulgação» — assim refere um desdobrável distribuído — «que, através do espectáculo de fascínio e audácia que proporciona, levará ao conhecimento de quantos o observam o elevado grau de proficiência e de tecnicismo dos elementos que integram a nossa Força Aérea».

No mesmo impresso pode ler-se: «A patrulha Acrobática «ASAS DE PORTUGAL» tem por missão, de acordo com o estatuto que a regulamenta transmitir ao grande público a imagem da Força Aérea, contribuindo para a sua divulgação, suscitando vocações entre a juventude e, ainda, representar a Força Aérea Portuguesa em Festivais Internacionais».

Não desmereceram as «Asas de Portugal» dos seus predicados acima consignados, fornecendo só por si um espectáculo único e inolvidável.

No âmbito das comemorações esteve em exposição material de apoio logístico, que atraiu avalanches de visitantes.

INFANTE & FIRMO, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odília S. João Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de folhas 33 a 34, v.º do livro n.º A-54, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, a sócia da sociedade

Cartas ao Director

(continuação da pág. 1)

guma coisa que queriam ver crescer o mais depressa possível.

Uma casa para viver e outras para alugar, cujo rendimento nos daria para viver é afinal o sonho de todos.

Como eu, o fizeram muitos outros emigrantes.

Agora, porém, é o momento oportuno de perguntar: Quem está afinal lucrando com o nosso esforço?

Não somos nós concerteza, porque o dinheiro se estivesse parado não dava lucro. Foi gasto na construção de casas. Desenvolvemos o nosso país, disso não há dúvida, de norte a sul fizeram-se milhares de casas abrigando milhares de compatriotas nossos. «Demos» é o termo adequado, pois com a estagnação das rendas estas não chegam para pagar contribuições, colectores, seguros, água, luz, limpeza, reparações, enfim, um sem número de despesas que de modo nenhum podem ser cobertas com o que se recebe.

Eu, particularmente, fiz um apartamento há 11 anos e nesse tempo foi aumentado em 100\$00. Quanto não aumentaram os ordenados em 11 anos?

Nós empregámos todo o nosso dinheiro. Não temos outro rendimento que faça face a esta vida que de dia a dia se agrava de modo a tornar-se impossível.

Espero, caros emigrantes de hoje, que daqui a trinta anos não se encontrem na mesma situação crítica que a nós nos toca, pois parece que só me ficou a recompensa de uma medalha com o meu nome e uma fita encarnada, azul e branca com a qual os franceses me distinguiram e agradeceram os trinta anos da minha vida que lhes vendi e cujo rendimento apliquei no meu país dum modo quem nem permite que duas pessoas que somos vivam o dia a dia com um mínimo de segurança.

Quem pensa em nós velhos emigrantes?

Gabam-se e incentivam-se os novos para que eles façam o mesmo e desenvolvam o seu país sem olhar a qualquer segurança no futuro.

Recordo com saudades a França e gostava de não o fazer.

Um português regressado de França

Queixas e clamores públicos que nos apresentam

(continuação da pág. 1)

análogos aos vigorantes em Faro, isto é, tais vigilantes estão inscritos na PSP e a sua remuneração é custeada pelas pessoas adstritas à zona onde operam.

LIXO

Um dos nossos leitores diz-nos textualmente: «Informar a Câmara de que é uma vergonha a maneira como os homens da limpeza fazem esse serviço, pois, ainda sujam mais as ruas, deixando muitas vezes parte do lixo nos passeios».

E acrescenta: «Também, outras vezes levam os baldes do lixo para longe das portas onde são postos, obrigando os seus proprietários a andar à sua procura».

PRAÇA DE PEIXE

Outra reclamação ocupa-se da «praça de peixe» e dá conta de água acumulada no chão (que «é uma porcaria») por onde as pessoas transitam e patinham.

Verbera tal estado de coisas e indaga se não haverá canalizadores para desentupir o seu escoamento.

«Antigamente — desabafa — não era assim». Também quanto ao tocante à forma de pesar o peixe, a coisa parece que não tem funcionado nada bem...

Enfim, cremos que competirá às entidades competentes, aos seus fiscais e zeladores, velar para que algumas deficiências lesivas ao público não forneçam azo aos protestos públicos.

Será portanto preferível prevenir que remediar.

A Voz de Loulé, n.º 683 de 13-7-78

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

FAZ-SE saber que por este 1.º Juízo e 1.ª Secção, e, nos autos de acção especial de Divórcio litigioso n.º 1790, que a autora, MARIA DE LOURDES NOGUEIRA FONSECA, casada, residente na Rua Sabino de Sousa, n.º 39, 2.º, Esq.º, em Lisboa, move contra o réu, marido, ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES FONSECA, desenhador, de 45 anos, de idade, natural da freguesia e concelho de Belmonte, ausente em parte incerta, e com último domicílio conhecido na Rua Gonçalves Velho, n.º 39, em QUARTEIRA, comarca de Loulé, correm ÉDITOS de TRINTA DIAS, a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele réu António Manuel Gonçalves Fonseca, para no prazo de VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido da autora que consiste em ser decretado o divórcio entre eles com fundamento na alínea f) do artigo 1778.º do Código Civil; e, bem assim, no mesmo prazo deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela autora, com base na insuficiência económica desta.

Lisboa, 19 de Junho de 1978.

O Juiz Corregedor do 1.º Juízo,

José Neto do Amaral e Pereira da Silva

O Escrivão da 1.ª Secção, Jaime Júlio da Silva Cardoso

Vende-se CASA

1.º andar com 4 assoalhas na Av. José da Costa Mealha, 123 — Loulé.

Nesta redacção se informa. (5-1)

B M W

Vende-se com 60 000 Km. Trata próprio.

Telef. 26374 — FARO. (2-1)

J. Luís Brito da Mana

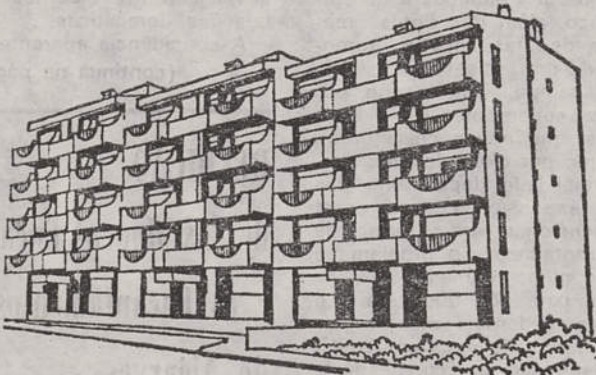
ADVOGADO

ESCRITÓRIOS:

Rua de Santa Justa, 82-1.º
Tel. 321505 — LISBOA

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.
Tel. 24505 — FARO

na praia de QUARTEIRA



APARTAMENTOS TORRE D'ÁGUA

JUNTO AO NOVO DEPÓSITO DE ÁGUA
APARTAMENTOS PRONTOS A HABITAR
APROVEITE AGORA A ISENÇÃO DA SISA

VISITE NO LOCAL O APARTAMENTO MODELO
Dias úteis: das 11 às 13 e das 15 às 19 horas
Sábados e Domingos: das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

Sociedade de Construções do Corgo, Lda.

TRATA: EMACO

R. Viriato, 25-5.º — Telef. 53 90 16/7 — LISBOA
Telef. do local de vendas: 00 89/6 56 43

(6-4)

MASSAGISTA

PRECISA-SE

ENFERMEIRO(A) ESPECIALIZADO(A) EM MASSA-

GENS E FISIOTERAPIA.

NESTA REDACÇÃO SE INFORMA.

REEDIÇÃO DE «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» DO DR. ATAÍDE OLIVEIRA

Acabou praticamente este jornal, recentemente, de fomentar uma campanha no sentido de interessar prestimosas entidades na reedição da obra literária (pelo menos a mais representativa) do Dr. Ataíde de Oliveira.

Independentemente desse seu designio, que envolverá diligências a diversos níveis de algum modo morosas, «A Voz de Loulé», como contributo seu irá lançar dentro de semanas, nas suas colunas, em moldes de folhetim uma das mais destacadas produções daquele celebrado autor: «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve».

De acordo com o anunciado, propõe-se este jornal, a fim de refazer o reduzido número de exemplares existentes da citada obra, que condiciona muito a sua

leitura, reeditar a sua versão em livro.

Deste modo, dado que a iniciativa acarretará inevitáveis encargos, este jornal aceita inscrições de interessados na aquisição do referido livro, que além do seu texto integral incluirá a fotografia do Dr. Ataíde de Oliveira e de uma biografia, já publicada neste semanário, de J. V. A. M., a qual no dizer do Dr. Lyster Franco é «o artigo» sob o «ponto de vista biográfico, o melhor que sobre Ataíde Oliveira até hoje se tem dado à estampa».

Parece-nos simples de resolver as ocasionais faltas de água em Loulé

(continuação da pág. 1)

dade para faltar como, consequência, a água ao domicílio.

Vimos depois a verificar que na verdade não houve «coincidência» alguma, pois, desde que interrompida, por quaisquer circunstâncias (frequentes em demasia, a Federação dos Municípios poderia avançar algo neste aspecto), a corrente eléctrica interurbana, logo cessa a elevação da água para os depósitos de dis-

(continuação da pág. 1)
família, sem que entretanto tivessem sido tomadas providências para enfrentar a solução do problema.

Contudo, o sr. Eng.º Alberto Quadros teve a gentileza de me responder com largos pormenores técnicos sem se esquecer de fazer «lembrar que a informação deve ser concreta. E para ser concreta deve ser objectiva e fundamentada».

Isto só prova que o sr. Eng.º concorda que fui concreto e objectivo e que puz o dedo exactamente na ferida, evitando pegar nas «pontas candentes» e indo directamente ao âmago do problema sem «as roupagens coloridas da demagogia».

Parece que o sr. Eng.º não gostou que eu chamasse as coisas pelos seus próprios nomes, es-

quecendo-se que deu o problema por arrumado ao sugerir-me que fôssemos nós a criar uma cooperativa para motivar a distribuição de água.

Mas o mais curioso é que o sr. Eng.º Quadros ao pretender criticar a minha atitude vem afinal de encontro às minhas ideias, chegando ao ponto de acentuar que «na maioria dos casos, nem os serviços oficiais nem qualquer geólogo particular ou empresa especializada, foram consultados» e até fez notar que «existe portanto e de facto uma certa anarquia ou indisciplina na exploração daqueles recursos naturais e que a médio prazo poderá ocasionar consequências graves».

Para cúmulo de satisfação nossa, o sr. Eng.º Quadros até nos cita o exemplo do que se passa em Israel para nos dizer que temos que ser cautelosos com o uso e abuso dos furos.

Pois, sr. Eng.º, mesmo sem ser técnico de águas eu já tinha percebido que isso era assim mesmo. Por essa razão eu não fiz o que podia ter feito: abrir mais um furo na minha propriedade sem me preocupar com os erros dos vizinhos. Mas quiz ouvir a voz de técnicos, a ajuda do Estado, a colaboração de funcionários públicos que o Estado paga unicamente para servir a lavoura e o resultado está à vista: não fui ouvido e ainda por cima fiquei mal visto como se eu pretendesse servir única e exclusivamente os meus interesses.

O sr. Eng.º Quadros é algarvio sabe muito bem que a propriedade no Algarve está muito dividida, mas não deixa por isso de produzir o suficiente para se abastecer e exportar diariamente para os mercados de Lisboa e Porto e muito mais produziria se tivesse o apoio oficial que necessita. O sr. Eng.º é funcionário do Estado, mas teve a sorte de possuir uma Quinta grande numa área privilegiada de água: a barragem da Bravura mas deve reconhecer que não se deve voltar as costas às zonas mais infelizes e que não têm barragens mas onde a água abunda no subsolo é o caso de Vale Judeu.

O sr. Eng.º tem muita razão quando diz que os agricultores têm absoluta necessidade de formação para que a agricultura seja próspera... Mas então quais são os organismos que têm que dar essa formação? Que eu saiba, na minha área, não tenho conhecimento de qualquer colóquio com as agriculturas para que sejam esclarecidos sobre agricultura não obstante haver bastantes funcionários a quem o M. A. P. paga no Algarve.

Quando alertei o M. A. P. foi pensando no interesse dos portugueses em geral e não para polémicas que não chegam a nada: recebi resposta do sr. Eng.º Alberto M. Quadros que não conhecia, mas que posteriormente já tive o prazer de trocar alguns pontos de vista que considero importantes para o artigo exposto em 29-3-78.

Considerando que a resposta do sr. Eng.º Quadros é concordativa com as minhas ideias não vou alargar-me muito mais.

Há, contudo, um pormenor que não resisto a comentar pois não consigo perceber a razão porque acentua que os «serviços do M. A. P. deverão ter cada vez menos a ver com as associações dos agricultores», pois eu supunha que o Estado pagava aos seus técnicos da agricultura exactamente para estes servirem a lavoura e, por consequência, a resolverem os seus problemas.

Não vejo onde é que um agricultor pode perder a sua independência se houver um ou mais técnicos a colaborarem na formação e gestão duma cooperativa que, servindo a lavoura, serve os interesses do País em geral.

Eu bem sei que, quanto mais ajudarem os lavradores, maiores serão as suas preocupações e canseiras mas eu pensava que era exactamente essa a missão dos técnicos que o Estado paga para servirem a lavoura nacional.

Pelos vistos eu ando enganado acerca da maneira de ver este

problema. Deve ser uma consequência da falta de frequência dos liceus e Faculdades...

Não tenho cultura para divagações literárias, e talvez por isso mesmo não percebo a propósito de quê vem o leite derramado para a nossa amigável polémica. Eu nunca chorei sobre o leite derramado, porque não lhe volto as costas e limpo-o rapidamente, o que prova que sou capaz de trabalhar e trabalhar mesmo, tanto em proveito próprio como em prol da comunidade de que faço parte. Ao levantar este problema não pedi ajuda individual. Fi-lo pensando nos meus vizinhos.

Eu não digo vou fazer. Eu sou dos que dizem já fiz e QUERO FAZER MAIS. Esta a razão da minha luta. Esta a razão da minha insistência para que o Estado ajude os pequenos, proporcionando à pequena comunidade de Vale Judeu a água que precisa e a energia eléctrica que há tantos e tantos anos lhe prometem.

Talvez nos nossos campos não houvesse tantos analfabetos se a luz eléctrica há mais anos tivesse iluminado as nossas casas.

Na minha modestíssima opinião, parece-me que seria mais corrente o sr. eng.º Quadros não citar o caso de Israel. Assim, pelo que nos revela, fico sabendo que, afinal, somos uns atrasados e que não temos técnicos de águas à altura de resolver os nossos problemas de águas subterâneas.

Eu ficaria muito contente era se o sr. eng.º revelasse casos ocorridos no Algarve em que os técnicos do Estado tivessem ultrapassado a técnica dos israelitas e evitado casos de degradação no sector da agricultura.

Assim, sim.

Agora, dizer que estamos muito atrasados e censurar-me por eu agitar o problema, é que francamente não aceito.

O sr. eng.º devia era comunicar a Lisboa (aos nossos sábios governantes) que no Algarve devia fazer-se (já) o que já se faz em Israel desde 1962.

Ou será que estamos condenados a ser um país de atrasados?

Se eu pensasse individualmente mandava fazer um furo só para mim e não alertava o M. A. P. da anarquia que se está processando na exploração da água.

Como o sr. eng.º agora fez referência no seu artigo sobre Israel com as limitações de água a extrair do subsolo já em 1962 teve conhecimento e estamos em 1978 e no entanto, que eu tenha conhecimento nos vossos serviços, ou de outros que tenham responsabilidades na matéria.

O sr. engenheiro devia ter-me encorajado a novas iniciativas em vez de criticar a minha actuação como pequeno agricultor que quer água para a sua região.

Cada vez se faz sentir mais a falta de produtos alimentares e perde-se um tempo precioso em conversas demagógicas.

A política construtiva é válida para os povos mais evoluídos mas em Portugal até agora, infelizmente, só a partidária tem prevalecido para mal de todos os portugueses.

É tempo de olharmos os nossos problemas a fundo. A agricultura é que nos põe a mesa diariamente e portanto deverá ter a primazia de ser considerada pelos responsáveis como tal.

Aceite, sr. eng., os cumprimentos respeitosos de quem ainda não perdeu a esperança de ver técnicos da agricultura a prestar esclarecimentos (no campo), aos nossos agricultores.

Joaquim do Carmo Mariano

N. D. — O director deste jornal já incentivou um movimento cooperativista em Loulé e sabe, pela experiência adquirida, que os agricultores têm muita culpa do atraso em que a nossa agricultura vegeta, pois não têm espírito associativo e a maioria é incapaz de fazer qualquer esforço para se unirem na defesa dos seus interesses.

Daí a necessidade da colaboração dos órgãos oficiais.

PROPRIEDADE

VENDE-SE

Com 3 400 m2 e, armazém e árvores de fruto.

Situada na Rua Afonso de Albuquerque (a seguir à Ceal), Loulé.

Nesta Redacção se informa.

(3-3)

RESOLVA O SEU PROBLEMA HABITACIONAL

ADQUIRINDO A SUA CASA PRÓPRIA

Escolha o seu apartamento no novo bloco residencial em construção na Rua Ascensão Guimarães em Loulé, com 3, 4 e 6 assoalhadas, elevadores, sucção automática de fumos e as comodidades da técnica moderna.

CONSTRUÇÃO DE VIVENDAS POR EMPREITADA.

João de Sousa Murta, Filho & C.a Lda.

Telfs. 62167 - 62261 — LOULÉ

(12-8)

ARTE REGIONAL



VISITE O NOVO ESTABELECIMENTO
DE ARTIGOS REGIONAIS E DECORATIVOS
INAUGURADO NA RUA 5 DE OUTUBRO, 41 - 43
(RUA DAS LOJAS) — LOULÉ

★

PALMA, EMPREITA, OLARIA PINTADA À MÃO,
COBRE, CHAMINÉS ALGARVIAS, ETC., ETC.

RECORDAÇÕES DO ALGARVE

(2-2)

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4, em Loulé.

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA

R. Marachal Gomes da Costa

Telef. 62536 — LOULÉ

Aníbal Sancho

Alexandre

SOLICITADOR

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.

Tel. 24505 — FARO

(6-6)

BUFANDO DÁ 20%

Já há muitos gestos naturais dos negociantes de conversa alheia sonhando meses de fartura, pois pode-se viver em Portugal à percentagem de 20% «trabalhando» como bufo. Na realidade já não basta o medo inexplicado, no País mais livre da Europa, de se escrever coisas que possam ferir a sensibilidade de certas famílias, ao que me parece também nos transtorna a alma as vozes despreendendo um cheiro a denúncia construído com urgência o universo igual para todos que faltava à nossa Pátria. Importa perguntar que tipo de sociedade é a nossa que criticou as coisas de antigamente, refiro-me por exemplo à ponte sobre o Tejo, e intensificou as más.

Na praça ouvem-se as donas de casa resmungando os preços insuportáveis. Nas fábricas ouvem-se os operários de sentidos errados refilando os ordenados de miséria.

No campo ouvem-se os camponeses, enterrados até às orelhas, regateando que não se vendem os porcos, que ninguém quer as amêndoas, que eles comem tudo e não deixam nada.

Mas a verdade é que a política de gabinete ergue sua bandeira

mesmo sem programa e a incompetência adia na normalidade habitual em resolver os graves problemas que nos afligem.

Ora vejam bem, senhores leitores, que já nos podemos introduzir na vida particular do vizinho e ainda temos a recompensa de 20%!

Depois fala-se em recuperação, em impermeáveis vermelhos, em empréstimos, em acordos, na austeridade necessária, facilitando a vida à ladroagem, aos malandros, aos bufos. Nenhum sinal característico de democracia pluralista, nenhuma inauguração digna de nota, apenas copiar dos arquivos as leis que engordaram meia-dúzia antigamente e um grito de esperança dos governantes em levar por diante as conquistas de uma revolução sem pés nem cabeça. Foi tudo calculado com rigores matemáticos e experiências químicas envolvendo a própria transformação do escudo, estabeleceu-se à nossa volta um cerco e nós aqui estamos mergulhados democraticamente num regime original escolhido por nós durante quatro anos consecutivos.

A sociedade prometida bem podemos esperar por ela tanto tempo que as obras reflectem sempre o nosso servilismo e a nossa presunção. Ainda estamos mentalizados que conquistámos o Mundo no tempo do Infante mas ninguém olha à desastrosa batalha de Alcácer-Quibir.

Hoje é bastante fácil fundar-se um partido ou uma religião, pois há sempre olhares fixos e bocas abertas e uma mão estendida dando de comer a indivíduos que

nunca trabalharam. A mesa do café, nas ruas, nos jardins, nos estádios, nos cinemas, nas boites, nos casinos, há sempre o anónimo distribuindo um panfleto e recebendo em troca uma coroa, mas amanhã é o jornal noticiando o assalto ao banco tal, o roubo na joalheria ou o crime na alameda, e as autoridades aglomeradas nas estradas defeituosas, de buracos e berramas estreitas, multando o desgraçado que se esqueceu do capacete ou que não comprou o selo do automóvel.

É por isso, senhores leitores, que as minhas crónicas são abandonadas por muitos e relidas por outros. Não escrevo para espantar a crise ou a revolta, escrevo com coragem denunciando quem esmaga. E se não comprares o selo do teu automóvel não serei eu a meter no bolso, os 20%, mas aconselho-te que te dirijas às Finanças não vá a multa te atirar ainda mais para o lamaçal em que estamos metidos.

LUÍS PEREIRA

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Desde a fundação deste jornal que tem sido hábito proceder-se à cobrança antecipada das assinaturas.

E, com excepção daquelas pessoas que, cronicamente, se deixam sempre atrasar e cujos nomes acabam por ser fixados, a maioria dos nossos assinantes cumpria o dever para com as responsabilidades assumidas.

Mas, em 1977, houve profundas alterações nos custos dos portes do correio e também nos custos da cobrança. Face a esses pesados encargos retraímos-nos um pouco, ao mesmo tempo que fomos correspondidos pela gentileza de muitos assinantes que se dispuseram a pagar pontualmente as suas assinaturas.

Entretanto está praticamente passado o 1.º semestre de 1978 e ainda não enviamos qualquer recibo à cobrança como era nosso hábito.

Tencionamos fazê-lo brevemente e temos a lamentar que os encargos dos C.T.T. nos obriguem a aumentar 75\$00 am cada recibo, despesa esta que é muito agravada quando os recibos vêm devolvidos...

É por isso que agradecemos aos nossos prezados assinantes que queiram ter a gentileza de liquidar directamente o custo das suas assinaturas, cujos preços são os seguintes:

EUROPA	
Semestre	250\$00
Ano	500\$00
EUROPA — AVIÃO	
Semestre	300\$00
Ano	600\$00
BRASIL — AVIÃO	
Semestre	350\$00
Ano	650\$00
OUTROS CONTINENTES — AVIÃO	
Semestre	350\$00
Ano	700\$00
PORTUGAL	
Semestre	130\$00
Ano	260\$00

Quando conduzir um veículo pesado e ao aperceber-se de que pretendem ultrapassá-lo, faça sinal com o pisca-pisca da esquerda se considerar essa manobra perigosa.



A sua ajuda pode evitar um acidente.

NOTÍCIAS PESSOAIS

PARTIDAS E CHEGADAS

De visita à terra natal, encontra-se entre nós o nosso dedicado assinante na Austrália sr. Joaquim Santa Rita, que veio acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria de Lourdes Santa Rita e suas filhas Cristina e Ivone.

Vindos do Canadá, onde há anos residem, também se encontram a gozar férias em Loulé o nosso conterrâneo e dedicado assinante sr. Jack Mendes e esposa sr.ª D. Helena Mendes, acompanhados de seu filho Samson Mendes.

FALECIMENTO

No Hospital de Loulé faleceu no passado dia 25 de Junho o sr. José Rodrigues Ribeiro, natural do sítio de Alfeição — Loulé, que contava 63 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Guerreiro Valente.

O saudoso extinto era pai do sr. José Guerreiro Ribeiro, casado com a sr.ª D. Maria Almerinda Gualdino Martins e avô dos srs. Vitor José Martins Ribeiro e de Adalberto José Martins Ribeiro, residentes na Alemanha. A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

UMA CARTA DA LUSOTUR

Do Administrador da Lusotur — Sociedade Financeira de Turismo, SARL, recebemos obsequiosa carta que transcrevemos:

Ex.mo Sr.

Lemos com o maior interesse, na vossa edição do passado dia 1 do corrente, a transcrição de largos extractos do discurso proferido na Assembleia da República, pelo Senhor Deputado José Vitorino, acerca do porto de pesca de Quarteira.

Divulgar as condições de vida difíceis dos pescadores de Quarteira e as dificuldades criadas à exploração da Marina de Vilamoura constitui, em nosso entender, contributo precioso para a consciencialização de quem deve assegurar as condições indispensáveis à resolução da actual situação. Nesse sentido queremos agradecer a V. Ex.ª a preciosa colaboração do vosso jornal na busca duma solução rápida e justa para tão premente problema.

Gratos pela boa colaboração de sempre, apresentamos a V. Ex.ª os nossos melhores cumprimentos.

LUSOTUR — Sociedade de Turismo, SARL.

O Administrador,
Ismael Ribeiro da Cunha

N. D. — Cumpre-nos agradecer, penhorados, as amáveis palavras que nos são dirigidas e, por outro lado, aproveitando o ensejo, reafirmar os propósitos que animam sempre este jornal na espinhosa missão que lhe cumpre desempenhar.

Esclarecer e esclarecer bem é um dos seus imperativos, que por vezes passa pela reprodução de fontes fidedignas e competentes que oferecem achegas insuspeitas e elucidativas de intrincadas problematizações.

Além de ser um imperativo é um dever que não repudiamos, antes pelo contrário, gostosamente nos incumbimos.

CORTICITE

EM FOLHAS P/ JUNTAS

CASA CHAVES CAMINHA

AV. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Telef. 885163

OFERECE-SE

Senhora, 25 anos, Curso Geral do Comércio, aceita colocação em full-time ou mesmo em part-time.

Nesta redacção se informa.
(2-2)

Trespasa-se

Por motivo de retirada, estabelecimento em Loulé. Óptimas condições a analisar no local.

Telef. 62871 — LOULÉ.
(2-2)

Trespasa-se

Mini-Mercado Baião situado na Rua Vasco da Gama, 47 — QUARTEIRA.

Informa no próprio local.
(2-2)

ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIANTES DO CONCELHO DE LOULÉ

INFORMAÇÃO

Por se ter verificado que o horário de expediente até agora praticado não correspondia inteiramente aos interesses dos nossos associados, foi deliberado estabelecer o seguinte novo horário:

De 2.ª a 6.ª feira das 10 às 13 horas

Desta forma se pretende não só melhorar os nossos serviços, como principalmente atender as solicitações dos nossos associados.

A COMISSÃO INSTALADORA

(5-5)

MERCEARIA-TABERNA ARRENDA-SE

Mercearia com casa de habitação, ou p/ qualquer outro ramo de negócio, situado na R. Comb. Grande Guerra, 59 — LOULÉ.

Informa José Maria Mendonça — Pé do Serro — S. Bárbara de Nexe ou no próprio local.

(3-1)

Edifício Central

APARTAMENTOS



- Você merece o melhor!
- Escolha um apartamento no melhor local de LOULÉ
- À venda os últimos apartamentos

Manuel Ricardo M. da Silva & C.ª, Lda.
Telef. 62449 — LOULÉ

- ★ — Av. José da Costa Mealha
- Av. David Teixeira (antiga Rua Marechal Gomes da Costa)
- Rua Projectada

(10-4)

PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE DEPENDE MUITO DOS HÁBITOS DE HIGIENE DOS CIDADÃOS

(continuação da pág. 1)
ruas que são suas. É tempo, pois, de adquirir hábitos adultos de higiene e evitar que o ambiente seja conspurcado pela negligência de uns tantos.

Há cuidados elementares, portanto, a corrigir, em especial aqueles que dizem respeito à deposição dos lixos domésticos, que devem ser colocados em recipientes não de fácil derrame e não em simples sacos, que por vezes se rompem no solo ao mínimo toque.

Igualmente se não deve lançar para o chão restos de comida e papéis, que o vento dispersa.

Outros cuidados mais há a observar no que concernem à praia e ao campo, que ainda nos oferecem o contacto salutar com a Natureza.

O campo e as praias do Algarve, eis um património que nos incumbe preservar da poluição, a todo o transe.

Chegados aqui, como é transparente deduzir, um apelo mais amplo nos parece plausível lançar.

Não dependerá apenas das populações locais a preservação ecológica do seu meio ambiente. Milhares de turistas e de excursionistas vêm durante o período estival «morar» nestas acolhedoras paragens do Algarve. Também a eles compete assumir obrigações.

Por isso, seria conveniente fazer-lhes saber que para além do acolhimento que lhes é devido, se espera deles procedimentos cautelares de higiene que não maculem a atraência das areias e as fragrâncias campesinas.

Perante as limitações da nossa amplitude publicitária, lembramos o poder de difusão que a Rádio e a Televisão disfrutam e que uma campanha de mentalização devotada à preservação do meio ambiente muito lucraria este com a sua acção conjugada.

O nosso apelo não se dirige pois, exclusivamente, ao cidadão comum e ao nosso círculo de prezados leitores, pretende ir mais longe. Pretende, inclusivamente, chegar a esses poderosos meios de comunicação social, sugerindo-lhes que, através das suas an-

tenas e canais, poderão irradiar, com sucesso certo, essa campanha que se nos mostra imperativa e necessária.

Cremos que é preciso, na hora oportuna, fazer despertar quem da natureza recolhe as suas bezenças e revigorantes reservas, o dever, que lhe assiste, de a salvaguardar como património comum.

PROBLEMAS DE HOTELARIA

Indústrias hoteleiras de Vila Moura, de Albufeira e da Praia da Rocha tiveram na manhã de sábado, 1 do corrente, no Hotel Sol e Mar, em Albufeira, o sexto da série de encontros que têm vindo a promover entre si nos últimos meses, num esforço que consideram estar a constituir um contributo positivo, isento e sério para o debate e, eventualmente, para o esclarecimento de problemas importantes.

São cerca de 40 as unidades privadas de vários pontos do País que já aderiram ao movimento assim gerado, cujas tomadas de posição são doc onhecimento oficial do Ministério do Comércio e Turismo e foram, de resto, di-

vulgadas também em conferência de Imprensa realizada em Lisboa em 22 de Maio.

A política de preços, a contratação colectiva, uma central de armazenagem e de abastecimentos e contactos estabelecidos e a estabelecer com diversas autoridades acerca de algumas das principais preocupações da indústria (taxas de juro, consolidação de dívidas, execuções fiscais) foram alguns dos temas desta vez tratados, em termos que vão ser comunicados às quatro Associações patronais do sector e à Comissão Regional de Turismo do Algarve, de acordo com a ideia fulcral de que não deve deixar-se que as férias de Verão e o acréscimo de receitas turísticas

que trazem façam adormecer ou diminuir a consciência da necessidade urgente de um certo tipo de medidas concretas de apoio.

MONTE-VENDE-SE

Com árvores de fruto, cisterna, no sítio de Zambujal — Boliqueime, e outros bocado de terra. Informa Francisco Rodrigues Ceguinho — Zambujal — BOLIQUEIME.

(2-1)

Plano de emergência de cuidados de saúde - Verão - Algarve - 1978

A Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Faro comunica que foi aprovado o Plano de Emergência em epígrafe, considerando o afluxo turístico na época estival.

Para tal, convidam-se médicos, enfermeiros, preparadores de laboratório e técnicos de radiologia que estejam interessados em passar férias em Agosto no Algarve, a colaborar neste Plano oferecendo-se-lhes alojamento e uma simbólica gratificação nos dias de serviço.

Agradece-se identicamente a colaboração dos estabelecimentos hoteleiros e de pessoas interessadas em alojar estes técnicos no mês de Agosto, comunicando urgentemente essa possibilidade para esta Administração Distrital (telefones 23016 ou 24024 — Faro).

HORTA - VENDE-SE

Com 10 000 m2, com água, árvores de fruto, casa de habitação, junto a Quarteira.

Informa Telef. 65822 — QUARTEIRA.

(2-1)



**Água puríssima
cada gota uma gota de saúde
beba AGUA TERMAL MONCHIQUE
e sentir-se-á mais jovem**

Tem uma nova imagem,
uma nova embalagem.
A substituição
das embalagens anteriores
está a ser progressivamente feita.
É possível que ainda as encontre.
Não as deve recusar.
A água não envelhece e garantimos
a mesma qualidade.

Estabelecimento Termal
das Caldas de Monchique
Tels. 92204/5/7

ALGARVE / MONCHIQUE

MAIS VALIA QUE...

por LUÍS A. M. PEREIRA



Mais valia que...

— Em vez de pedincharmos pela Europa, entregássemos definitivamente o País aos estrangeiros.

— Os acordos luso-angolanos passassem pela comercialização de pessoas.

— O selo do automóvel fosse substituído pela pedaleira.

— Os roubos se efectuassem às claras para que toda a gente pudesse aprender.

— Substituíssimos os cartazes contra o Mundial-78 pela invasão ao país fascista seguindo as pegadas dos progressistas do Kremlin.

— Fosse decretada a greve de comes e bebes.

— Em lugar de partir os queixos à imprensa livre optássemos pelos jornais sem letras.

— As bombas nos caixotes do lixo e nas embaixadas dessem lugar a experiências atómicas no vale do Tejo.

— Em vez da recuperação dos drogados e dos alcoólicos nos dedicássemos à plantação da vinha e ao contrabando de estupefacientes.

— O Tenreiro tivesse comido o bacalhau todo.

— Em tempos de austeridade puséssemos uma parra no sítio e pronto!...

— Transformássemos as Igrejas em creches e casas para a recuperação de doentes mentais.

— Fizéssemos dos campos de futebol lugar de repouso para a terceira idade.

— Os restaurantes e os hotéis fossem feitos para os camponeses e que um prato de xerém não custasse 180\$00.

— Os ordenados dos ministros fossem pagos diariamente.

— A Assembleia da República fosse constituída por marionetes ou por bonecos eléctricos.

— Os Casinos fossem tascas e vinhaça.

— Em vez da distribuição de armas a civis a malta não fosse à tropa.

— A descentralização do poder passasse pela divisão da terra a quem a trabalha.

— O subsídio de férias revertesse a favor da Cruz Vermelha e da Liga dos Combatentes.

— A Banca pertencesse à Círculo Industrial de Lisboa.

— Os filmes obscenos não fossem meras figuras de cartaz mas que fossem praticados em todas as praias do País.

— Aumentasse o preço da farinha do que do tabaco.

— Em vez da deslocação à China o Sporting fosse aos E. U. A. buscar uns dólares para a recuperação económica.

— O Partido Social Democrata aderisse ao dr. Mário Soares pa-

ra se integrar na Internacional Socialista e para ter definitivamente um presidente.

— O lixo das praias aumentasse para a longo prazo sermos ricos em petróleo.

— O sr. Atílio do «Casarão» fosse português e realizasse o seu sonho.

— As testemunhas de «Jeová» fizessem ressuscitar D. Sebastião.

— Costa Martins fosse ministro das Finanças.

— O Algarve fosse mouro e os combustíveis não aumentassem.

— A Universidade no Algarve fosse um empreendimento turístico para cocktails com Agências de Viagens Europeias.

— Santa Luzia (Távira) se situasse no Alentejo.

— As organizações fascistas mudassem de casaca e não fossem proibidas.

— A Marina de Vilamoura fosse um Museu Arqueológico.

— As pensões de velhice e invalidez revertessem em favor de albergues.

— O divórcio fosse substituído pela proibição do casamento.

— A prostituição fosse institucionalizada.

— Os consumidores tivessem um cartão de visita.

Mais valia que...

— Os dramáticos anúncios, as bocas enxovalhadas, as cenas eventualmente chocantes, servissem de exemplo para quem tem as rédeas do Poder e prometeu cumprir governar com autoridade e com respeito.

É por isso que a crítica incomoda muitas vezes certos corações abotoados pelo sentimento da culpabilidade e nós jornalistas da verdade sentamo-nos em cadeiras adversas à nossa integridade e à nossa estatura de homens de linhas puras.

«COROA DE OURO»

ATRIBUIDA AO HOTEL GOLF DE VILAMOURA

Pelo Royal Automobile Clube da Belgique foi atribuído ao Hotel Golf de Vilamoura a «Medalha de Ouro», prémio este que representa a mais alta distinção conferida por aquela credenciada organização belga.

O galardão designado teve por base um relatório elaborado pelos inspectores e alguns membros do Royal Automobile, que se dedicam ao estudo sobre a qualidade dos estabelecimentos hoteleiros e restaurantes.

Doravante, devido à reconhecida

SERVIÇO DIÁRIO EM AUTOCARROS DE TURISMO

Algarve-Baixo Alentejo - Lisboa

Está a vigorar, desde 19 de Junho passado, o novo serviço diário em autocarros de turismo, assegurado pela Rodoviária Nacional, que tem o seguinte horário:

Partidas de Faro às 6.15, 9.10 e 17.25.

Chegadas a Lisboa às 11.45, 14.30 e 22.45.

Partidas de Lisboa às 8.45, 13.30 e 18 horas. Chegada a Faro às 14.05, 18.50 e 23.30.

O itinerário percorrido pelos autocarros passa (à saída de Faro/Lisboa) por Loulé (ligação), Almansil (Café Cook), Quatro Estradas, Quarteira (Toca do Coelho), Quarteira (Agência R. N.), Vilamoura (Aldeia do Mar), Vilamoura (Aldeia do Golf), Ferreiras, Paderne (Purgatório), Messines (Cruzto), S. Marcos (Cruzto), Santana da Serra, Ourique, Castro Verde, Aljustrel, Setúbal (Gare Rodoviária), Centro Sul (Cova da Piedade) e Lisboa (Av. Santos Dumont).

No trajeto Lisboa/Faro, são percorridas em sentido inverso as referidas localidades.

VIAGENS DIÁRIAS ENTRE LISBOA/ALGARVE ORGANIZADAS PELA EMPRESA CAPRISTANOS

Organizadas pela empresa Capristanos — Viagens e Turismo, S.A.R.L., está em funcionamento, desde 1 de Junho último, um serviço de viagens em expresso de luxo, entre Lisboa e o Algarve e vice versa.

PREÇOS MÁXIMOS DOS PRODUTOS INSCRITOS NO CABAZ DE COMPRAS

Em continuação da divulgação dos preços dos produtos constituintes do «cabaz de compras», damos a esta a seguinte lista de bens de consumo:

MARGARINAS, normais para culinária («Vaqueiro», «Banquete», «Sol» e outras) — Embalagem de 250 g. 14\$10, de 500 g. 26\$40, 1000 g. 52\$00, tipo folhados, embal. de 250 g. 16\$00.

Normais, para mesa («Planta», «Alpina» e outras): embal. de 250 g. 16\$90; «Planta», em embal. de 500 g. 33\$10; «Flora», em embal. de 250 g. 18\$60.

Especiais («Bece»), em embal. de 250 g. 24\$70.

Industriais (tipo massas, meio folhado e bolo-rei, em embalagem de 1000 g. 43\$90; tipo folhados, em embal. de 1000 g. 50\$10; tipo cremes, em embalagem, de 1000 g. 52\$30.

ÓLEOS DIRECTAMENTE COMESTÍVEIS (de soja, girassol e amendoim), óleos de tipo alimentar e quaisquer óleos estreme, embalados, litro 46\$00.

LEITE

Pasteurizado, embalag. de 1 l. (nos p. de venda) 8\$50, ao domicílio 9\$10; Comum, tratado, em garrafas ou embalagens perdidas 7\$50; Ultrapasteurizados, embal. de 1 litro (gordo) 14\$50, (magro)

13\$50; embalag. de 0,5 l. (gordo) 7\$70, (magro) 7\$20. Esterilizado, embal. de 1 litro (gordo) 14\$50, (meio gordo) 14\$00, (magro) 13\$70; embalagens de 0,5 lit. (gordo) 7\$70, (meio gordo) 7\$50, (magro) 7\$30; embal. de 0,25 l. (gordo) 4\$40, (meio gordo) 4.30, (magro) 4\$20.

Especial pasteurizado, emb. de 1 l. 14\$50, de 0,5 l. 7\$70, de 0,25 l. 4\$40.

Condensado, 110\$00/kg.

Em pó, embalado, (gordo) kg 110\$00; (meio gordo) kg. 105\$00, (magro) kg. 103\$00.

QUEIJO

Tipo Flamengo, com 40% ou mais de gordura, de fabrico continental e açoriano, kg. 162\$00.

Continua

Ajude a Rádio Renascença

Esta conceituada Emissora, cuja audiência cresce dia-a-dia, pretende fortalecer-se para levar a sua voz independente e segura a todos os portugueses espalhados pelo mundo e fazer-se ouvir em onda média em todo o território nacional.

Emissora Católica Portuguesa convida à inscrição na Liga dos Amigos da Rádio Renascença — Avenida da Liberdade, 173-5.º, Telef. 59047/8 — Lisboa-2.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA RELATÓRIO E CONTAS

Por gentileza que nos cumpre referenciar e agradecer, recebemos do gerente da agência local do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, o nosso estimado amigo sr. Armando Diogo Ramos Alpalhão o relatório e contas da aludida organização que documenta e ilustra o respectivo exercício económico de 1977 e nos revela a extraordinária expansão daquela instituição bancária ao serviço da economia do País.

SNACK-BAR ADÃO

Adão e Eva estão agora mais presentes na capital algarvia.

A Empresa de Viação do Algarve, mais conhecida pela abreviatura de EVA, foi pura e simplesmente extinta para ser incorporada nesse imenso monopólio que passou a chamar-se Rodoviária Nacional.

Mas a EVA não morreu totalmente. Ficou restringida ao Hotel Eva muito embora ainda esteja nacionalizada. Mantém a tradição do nome como símbolo de uma das mais importantes organizações que, há cerca de 50 anos, alguém criou e transformou na mais importante empresa algarvia.

O magestoso Hotel Eva foi inaugurado há cerca de 10 anos mas ainda não estava completo. Faltava-lhe o Adão. Era um projecto. Um sonho de quem idealizou o Eva. O lugar estava reservado. O projecto quase concluído, a inauguração prevista para 1973, mas foi mais uma obra paralisada pela Revolução dos Cravos.

Mas as obras foram finalmente concluídas e do lugar reservado ao Adão (no rés-do-chão do Eva) surgiu agora o Snak-Bar Adão. Elegante, confortável, agradável, funcional, sem requintes de luxo mas decorado com arte e bom gosto, digno de uma festiva inauguração como a que assinalou a sua abertura ao público e que decorreu no passado dia 28 de Junho.

Al estiveram presentes os srs. Governador Civil de Faro, Presidente da Comissão de Turismo do

Algarve e muitas entidades ligadas ao turismo, agências de viagem e meios de comunicação social que foram unânimes em considerar que Faro precisava e merecia um Snack-Bar com o nível de «Adão» e no mais aprazível local da capital algarvia: em frente da Doca.

«A Voz de Loulé» agradece à direcção do Snack-Bar «Adão» a gentileza do convite e deseja êxito comercial ao novo empreendimento.

Programa de rádio

ALGARVE

INTERNACIONAL

RDP/SUL — 620 KHZ

Numa realização da Comissão Regional de Turismo do Algarve, em colaboração com a RDP/Sul iniciou-se no dia 3 de Julho, o programa de rádio «Algarve Internacional». Esta emissão será transmitida de segunda-feira a sexta-feira das 14 às 16 horas na frequência de 620 khz.

O programa inclui essencialmente informações de interesse turístico (manifestações, roteiros, notícias, música regional e ligeira, etc.), será o mesmo transmitido em três línguas (Português, Francês e Inglês).

FERNANDO DE ALMEIDA

Tendo ainda muito jovem colocado a sua actividade ao serviço da hotelaria, o sr. Fernando de Almeida cedo revelaria a sua inclinação nata para o exercício e uma apaixonante profissão e à qual se dedicaria inteiramente.

Assim sendo, percorreu todas as escalas a sua profissão e, desde há anos, que atingiu o ponto mais alto da Hierarquia profissional a que pode aspirar em hotelaria: director geral.

A sua competência justificou que fosse escolhido para dirigir o Hotel D. Filipa, que é uma unidade de 5 estrelas que honra o Algarve e onde o sr. Fernando de Almeida trabalha desde 1974, dando valioso contributo para que seja um dos hotéis mais em evidência por entre as 800 unidades que a Turist Houses Forte tem espalhados por todo o Mundo.

Testemunho claro deste facto foi a circunstância de muito re-

centemente ao director do Hotel D. Filipa ter sido atribuído o 1.º prémio num concurso promovido pela companhia proprietária entre as unidades europeias da sua própria rede.

O concurso realizou-se em Londres e baseou-se na selecção da melhor forma de apresentar à imprensa inglesa os hotéis atrás referidos.

A originalidade como o Hotel D. Filipa foi apresentado e o facto de este se situar numa das mais belas e privilegiadas zonas duma província que, por si, já reúne excepcionais condições para implantação de hotéis, foram factores que contribuíram para que ao nosso prezado amigo Fernando de Almeida fosse atribuído um merecido 1.º prémio.

Os nossos parabéns pelo êxito alcançado e pela propaganda que dessa forma fez ao nosso Algarve e ao nosso concelho de Loulé.